

GEOGRAFIZANDO NOS GRIFOS DA MEMÓRIA

GEOGRAPHY IN MEMORY EMPHASIS

GEOGRAFIZANDO EN LOS GRIFFONS DE LA MEMORIA

Maria Augusta Mundim Vargas
Professora Doutora Colaboradora do Núcleo de Pós-Graduação em
Geografia da Universidade Federal de Sergipe
Email: guta98@hotmail.com.br

RESUMO

O texto traz um registro da estrutura do curso de especialização “Organização do espaço rural no mundo subdesenvolvido”, iniciado em 1983. Foca no convívio das turmas de 1983/1984 com professores até o ano seguinte, quando é autorizada a abertura do Mestrado em Geografia, primeiro curso de Pós-Graduação da Universidade Federal de Sergipe. A narrativa é comandada pela memória e, nesse sentido, são expostas lembranças individuais que encerram a exposição dos grifos evocados do passado com ênfase no afeto, nos gestos e no enraizamento que perpassam meus sentimentos para com o Núcleo de Pós-Graduação da Universidade Federal de Sergipe.

Palavras-chave: Memória; História; Núcleo de Pós-Graduação em Geografia/UFS.

ABSTRACT

The text provides a record of the structure of the specialization course "Organization of rural areas in the developing world", started in 1983. Focuses on the interaction of the classes of 1983/1984 with teachers until the following year, when it was authorized the opening of the Masters in Geography, first course of Post-Graduation at Federal University of Sergipe. The narrative is driven by memory and, according to it, individual memories are enclosing the exposure of remembered things from the past with an emphasis on affection, gestures and roots that go through my feelings towards the Post-Graduation at Federal University of Sergipe.

Key words: Memory, History, Center of Post-Graduation in Geography / UFS.

RESUMEN

El texto trae un registro de la estructura del curso de especialización “Organización de los espacios rurales en el mundo subdesarrollado”, que se inició en 1983. Se centra en la interacción de las clases de 1983/1984 con profesores hasta el año siguiente, cuando se autorizó la apertura de la Maestría en Geografía, primer curso de Postgrado de la Universidad Federal de Sergipe. La narrativa es comandada por la memoria y, en este sentido, son expuestas memorias individuales que encierran la exposición del griffons evocados del pasado con énfasis en lo afecto, en los gestos y en lo enraizamiento que impregnan mis sentimientos para con el Núcleo de Postgrado de la Universidad Federal de Sergipe.

Palabras clave: Memoria; Historia; Núcleo de Postgrado en Geografía/UFS.



1 INTRODUÇÃO

A construção desse trabalho deu-se pela imediata aceitação ao convite da coordenação do Núcleo de Pós-Graduação em Geografia – NPGeo, para integrar a produção de uma edição especial da Revista Geonordeste, comemorativa dos 30 anos do Núcleo.

O convite chegou no momento em que lia um extrato do texto de Pierre Nora, enviado por minha filha Diana, ocorrendo uma deliciosa conjunção entre a história do NPGeo e minhas memórias. Por certo, o NPGeo opera marcas pela sua produção e segue plural nas análises teórico-metodológicas da Geografia. Pioneiro da pós-graduação da UFS faz parte de sua construção como referência dos caminhos normativos e operativos tanto com nossos êxitos quanto com nossos percalços.

Entre as experiências exitosas e os tropeços eu, de dentro do NPGeo e pelo NPGeo, desde 1983, venho abrindo minhas janelas geográficas: buscas e encontros; elaborações e reelaborações; brigas e solidariedades; construções e desconstruções; com colegas, alunos, autores, funcionários, correntes, companheiros, amigos que com suas geografias me fazem, a cada dia, mais uma geógrafa.

Trago aqui lembranças individuais, grifos evocados do passado que reconstroem minha existência e me fornecem orientação identitária. Nesse sentido, o giro de minhas lembranças é coletivamente compartilhado. Resguardo, todavia, as cores e os tons de meus registros à minha memória entrelaçada pelo “olhar” de hoje, pelas marcas afetivas que unem o passado ao presente e dão sentido ao meu futuro.

É, pois, num ato impulsivo que descortino por minhas lembranças os primeiros anos do NPGeo compartilhados com criaturas e criadores. Espero que as lembranças expostas sejam coletivamente recordadas e que, ao voltarem elas e aos fatos compartilhados, mesmo que recortados pelo “meu olhar”, elas sejam materializadas em outras cores e tons e que nos mantenham conectados ao NPGeo.

Confesso, todavia, que o encadeamento do texto é cronológico, pois se desenvolve pelas anotações postas nos cadernos que ainda preservo, mesmo que amarelados! São eles os instrumentos que ora ativam minha memória, buscam os primeiros tempos da pós-graduação em Geografia da UFS para a comprovação de seu enraizamento em minha vida.



2 A INSPIRAÇÃO

A memória é um fenômeno sempre atual, uma ligação do vivido com o eterno presente; a história é uma representação do passado. Porque ela é afetiva e mágica, a memória se acomoda apenas nos detalhes que a conformam; ela nutre de lembranças, vagas, telescópicas, globais ou flutuantes; particulares ou simbólicas, sensível a toda transferência, censura ou projeção. A história, porque operação intelectual e laicizante, exige a análise e o discurso crítico... A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem e no objeto. A história não se liga a não ser em continuidades temporais, nas evoluções e relações de coisas. A memória é um absoluto, a história não conhece mais do que o relativo. (Nora, Pierre. *Les lieux mémoire*. Paris:Gallimard, 1998, p.9)

3 O AFETO – MAGIA DAS LEMBRANÇAS

As aulas do primeiro curso de Especialização em *Organização do espaço rural no mundo subdesenvolvido* iniciaram-se em 13 de agosto de 1983, com História do Pensamento Geográfico – HPG, ministrada pelo prof. Manoel Correia de Andrade, logo após a solene aula magna inaugural. Ele trouxe-nos os clássicos: Humboldt, Reclus, Ritter, Ratzel e Vidal de La Blache.

Sua fala mansa contrastava com os movimentos dos lábios que empurravam as bochechas e movia os óculos. A repetição do gesto me fazia baixar a cabeça e fixar nas letras dos textos ou debruçar em anotações. Destas reminiscências guardo uma das tardes de discussões em que o Prof. Manoel Correia instiga-nos a traçar as linhas gerais dos autores. Ele, na verdade, intencionava costurar o pensamento clássico da Geografia e abre, cronologicamente, com Humboldt, solicitando-nos posicionamento sobre aquele que “confundido como criador da Geografia foi, em verdade, o que a organizou cientificamente”.

A inquieta Lilliam e já querendo passar para Vidal iniciou: “ele é cansativo, longo e difícil”. Ana Virginia pondera: “como sua influência é tão marcante ao ponto de cunhado pai da Geografia ao trazer para nossos estudos o princípio da comparação?”. Eu enveredei para questões existenciais e: “questiono sua busca da verdade ao consagrar o empírico e o racional, ao condenar o excesso da

linguagem simbólica descritiva, traçando um paralelo com nossa formação positivista que ‘exige dois lados’: o do sim e o do não”.

Prof. Manoel Correia pondera todas as falas: “*i*) ele não separa a Geografia física da humana; ele fala de mundo orgânico e mundo inorgânico; *ii*) da maternidade não se duvida, porém paternidade é discutível; ele não foi o pai, pode-se dizer, propulsor da Geografia; *iii*) não é uma obra simples. Deve-se considerar a época em que o autor viveu, sua formação, no caso botânica e, ainda, sua origem nobre.”

E, assim, os demais autores expostos foram debatidos até o dia 26 de agosto. Ele brindou-nos ainda com um Seminário de Estudos e Problemas Brasileiros (disciplina obrigatória até em pós-graduação!), sobre a “Região Nordeste: um problema permanente.” Sua fala permanece atual. Eis algumas de minhas anotações: “O planejamento econômico vigente faz mais mal ao Nordeste, é portanto, muito mais prejudicial que a seca [...] Eu dizia que a seca era uma mulher mal falada do Nordeste, isto no tempo que mulher se importava em ser mal falada [...] planejamento da fome [...] o problema da seca é parcialmente um problema hídrico, pois é ainda necessário um programa de desenvolvimento com técnicas adaptadas ao meio [...] a educação é apontada muitas vezes como mais importante. Não acho. Acho que se não se educa bem ‘entra num ouvido e sai no outro’ [...] para o Nordeste e para o Brasil eu só creio numa saída via um novo pacto social”.

De forma elegante, ele solicitou como avaliação uma produção que melhor acomodasse nossos interesses propondo a construção de um ensaio que abarcasse um texto comparativo dos autores, todos ou um deles. Eu optei pela exposição comparativa dos quatro autores e hoje, com carinho, releio o texto de oito páginas manuscritas e me detenho na única observação que Prof. Manoel Correia fez. Ao lado de um dos parágrafos dedicados a Ritter, uma grande interrogação, creio eu, suficiente para a decisão da nota: 8,0 – Bom!, seguida de sua rubrica na primeira página. Com certeza o texto é leviano, posso afirmar hoje, decorridos 30 anos! Mas, como acalmar os ímpetos de quem abraçou a obra desses autores num processo de descobertas, de buscas afirmativas do sentido de sua vida?!

O sentido do curso imbricava no sentido de ser geógrafa profissionalmente integrada no movimento de agir; Geografia/ação; pelo visto, Geografia mais coração. Eis partes do texto:

[...] Já Ritter ousou. Ousou por onde foi mais criticado – na religiosidade. Retirando-se a religião de seu texto – o que é muito difícil quando o autor é fanático (será que foi?) – deixou-me termos fortes e atuais como sistema, coração (core, região), dominação e desenvolvimento”. A grande interrogação, ainda bem que em caneta azul assinala o susto do Prof. Manoel Correia. E continuo: “Acrescento ainda a inquietude afirmativa de que ‘quando vemos as coisas, não devemos nos

ligar somente nas aparências’, referindo-se à assimetria aparente e à simetria interna da natureza, em contraposição às construções humanas. [...] Coube a Humboldt negar a geografia puramente descritiva, partindo para a comparação, mas foi seu contemporâneo Ritter quem atraiu Ratzel como discípulo e Reclus, da França, através de seu determinismo, diga-se de passagem puramente geográfico, pois para ele ‘ o desenvolvimento da humanidade é regido por uma lei cósmica superior, ligada a disposição relativa da distribuição das terras e das águas. [...] Retomando ao ponto inicial de minhas barreiras, gerando contradições, percebi que aqueles que se mostraram mais controvertidos e criticados – Ritter, Ratzel e Vidal de La Blache – foram os que mais abriram fronteiras, influenciando seguidores, gerando correntes e, por conseguinte, contribuindo mais acentuadamente para a evolução da eterna busca da verdade. (Em 28.09.1983).

Na introdução do texto exponho que: “faz-se importante primeiramente, um depoimento pessoal, pois há anos venho como profissional descrevendo, analisando e criticando através dos tempos verbais impessoais, o que descubro agora ser uma barreira a vencer. Talvez isso tenha me levado a este curso, como oposição a esta conduta. Entretanto, não estou assim tão aberta, pois já se passaram várias linhas de explicações, retratando assim, as dificuldades que as barreiras íntimas impõem sobre a vontade externa.”

Nossa! Quanta vontade de mudar o mundo pela Geografia! O tempo verbal mudando o agir e o agir desvelando verdades. Aí acreditava que a ciência produzia verdades, sem consciência de que estar em um lado de sua produção/ação me posicionava no centro de uma construção positivista de mundo.

As dúvidas e angústias agigantaram-se no próximo bloco de HPG. O Prof. José Alfeu do Nascimento, do Departamento de Filosofia expõe, nos dias 13 e 14 de setembro, as bases filosóficas do positivismo. A composição da verdade deve ser construída com o rigor do método e, assim, os enunciados são checados quanto ao enquadramento de suas formulações. Mas o caminho não é único, linear, contínuo. Várias correntes positivistas pendem mais ou menos para princípios que em última instância, “regem os caminhos da verdade: coerência, pragmatismo, correspondência, semântica, redundância.” Com os princípios e correntes chegam-me para uma semana de leituras, Pierce, Dewey, Husserl, Popper e outros tantos durante suas exposições.

Entendi a “necessidade” dessa introdução filosófica quando o Prof. José Alexandre Felizola Diniz adentra a sala de aula, em 27.09.1983, como professor, mas sem deixar a postura de coordenador/idealizador do curso. Muito direto, anuncia que em sete de outubro próximo discutiríamos Hartshorne – excepcionalismo em Geografia. Antes porém, avisa-nos que o curso de HPG não se encerra com o positivismo, pois teríamos ainda dois outros longos seminários: fenomenologia e dialética!

Hartshorne e Schaefer¹, pensamentos, posicionamento, respostas, "re-exame" em detalhe, leis... até 13 de outubro! Se é possível uma síntese, segue uma anotação: "o mais importante no texto de Schaefer não é o que ele disse ou deixou de dizer sobre os clássicos, mas sim o que ele propôs de novo para o estudo metodológico da Geografia: historicismo (versus ou) excepcionalismo! Schaefer propõe a busca das semelhanças. Os fenômenos não são únicos, mas são individuais. Para melhor acompanhar as ideias fui ao dicionário. *Nomotética*: nomo – do grego nomos – elemento de composição. Regra, lei. Que regula. Nomologia. *Idiográfica*: idi (o) do grego idios, a ou os, on. Elemento de composição. Próprio, particular."

Toda essa discussão, novíssima em meu universo geográfico configurou-se como "cafézinho" diante do que estava por vir: Gollege; Amadeo (On laws in Geography), Harvey (Explanation in Geography); Sotchava (O estudo de Geossistemas – um dos poucos textos em português!); Guelke (Geography and logical positivism); Frazier (Pragmatism: Geography and the real world); Bray (Considerações sobre o método de interpretação funcionalista na Geografia); King (Alternativas para uma Geografia econômica positivista). Destes, encontrei uma pasta com fichamento e versões. Obrigada Vera! A versão de Guelke foi você que me passou! Muitos outros textos compõem a pasta de HPG – positivismo. E, dentre todas, foi a única que permaneceu intacta! Eu achava que meu inglês era bom, conseguia ler os textos, mas fichar em português demandava muitas investidas em dicionário, o que se traduzia em horas e horas de trabalho. Afinal, o curso era dado pelo coordenador que se não bastasse, tem a singularidade do olhar penetrante ao soltar uns berros de admiração diante da incompreensão de tamanha, complexa e numérica Geografia. O berro comigo foi na aula de Popper: "Augusta, você não pode ficar em cima do muro, ou é positivista ou não é!" (esta aula foi no Laboratório de Cartografia, primeira sala do prédio do Colégio Aplicação, hoje Didática I). Somente anos depois "enxerguei" a doçura e a dedicação do Prof. Alexandre.

Assim, os registros que avivam minha memória restringem a algumas anotações nos cadernos e na pasta encontrada. E eis que surge Cartografia em um dos cadernos. Entre o positivismo e a fenomenologia, Prof. Alexandre e Profa. Hosana dividiram a primeira parte da disciplina com o exercício de desconstrução da carta topográfica, a partir do dia 16 de agosto. Muita novidade na análise da rede de circulação, da morfometria da rede de drenagem e das classes de

¹ Hartshorne, Richard. Exceptionalism in Geography re-examined In: Annals of Association of American geographers. Vol. 45, nº 3, 1955.

Schaefer, Fred K. O excepcionalismo na Geografia: um estudo metodológico. Tradução John McPherson In: Annals of Association of American geographers. Vol. 43, nº 3, 1953.

idades: conexões, conectividade, padrão, classes, intervalos de classe, estatística não paramétrica, aferição de confiabilidade, enfim, muita estatística.

O percurso de construção do “canevas” foi longo e, muitas das vezes, eu me perdia por não conseguir “ver” a Geografia após uma tarde inteira debruçada em números e classes. Fui salva por Ana Virginia que calma me dizia: “espere até terminarmos, isso é só uma parte”. Após a análise quantitativa da carta, procedemos a descrição comparativa das análises quantitativa e qualitativa e aí sim, me senti novamente “na praia da Geografia”. Essa disciplina foi longa, creio que a carga horária cumprida sequer se aproximou dos créditos computados em nosso Histórico. Ainda com os Profs. Alexandre e Hosana, fizemos análises de vários Atlas, nos detendo mais em cada uma das cartas do Atlas de Sergipe, recém produzido (1979). Foi um nova descoberta de Sergipe!

Certa de que a cartografia estava bem posta e já vislumbrava o “discurso da Geografia” nos mapas, surpreendi com o volume de informação trazido pela Profa. Barbara-Cristine, *Iaiá*, carinhosamente por mim apelidada! Seu curso foi no ano seguinte. Cartas, cartogramas, catodiagramas, modos de implantação e escalas, em detalhes, com inúmeras demonstrações das vantagens e desvantagens de cada um dos exemplos mostrados. Como a energia e disposição de Iaiá eram tocantes. Eu exaurida e ela radiante, vital, incansável. Sua fala rápida entrecortada com afirmações que sonoramente se traduzia em “zoh”; “ia, ia” (daí Iaiá!), sem intervalos e de forma intensiva, preenchiam literalmente 8 horas de aula por dia. Ao final, ela se mostrava aflita e dizia-nos: Mas já?! Tem tanta coisa ainda para dizer... E nós: “Só amanhã Barbara!”

Em 22 de fevereiro de 1984, a doce mel Profa. Tereza Cruz apresenta a proposta do curso de Fenomenologia, se contrapondo ao neopositivismo. Angustada com a exiguidade da carga horária, sugere força tarefa dividindo a leitura entre as participantes. Tuan, Relph, Buttimern e MyrnaSchiff constituíram os textos basilares e, os seminários, seriam de nossa responsabilidade. Os textos foram distribuídos entre eu, Vera, Ruth, Cecília, Ana Virginia, Lillian e Wanda.

Minhas descobertas estão sublinhadas nos registros dos fichamentos e das discussões: “a fenomenologia não é uma ciência de objetos nem uma ciência do sujeito, ela é uma ciência (método) da experiência [...] Os limites entre fenomenologia e existencialismo não podem ser traçados com precisão, pois apesar de distintos da concepção de Husserl, muitos existencialistas usam o método fenomenológico em seus trabalhos como Merleau Ponty, Heidegger e Sartre (a essa altura eu já procurava esses autores, mas sobretudo Heidegger para melhor apreender a fenomenologia). Pena que o curso tenha sido, realmente, muito corrido e, ainda, interrompido pelo

carnaval. O último seminário foi apresentado por Ruth em 3 de abril de 1984, quando discutimos percepção.

Nesse momento de busca nos cadernos e na pasta, encontro apenas um calendário: Prof. Dieter, de 18 de abril a 27 de junho (leia-se Dialética!). Me desespero a folhear páginas e nada encontro! Vou até minha biblioteca e empreendo uma busca em gavetas e no chão (com cupinicida nas prateleiras, todo o meu acervo está no chão!) e, do meio para o fim de um gavetão puxo com firmeza um caderno. É este! A partir de 30 de abril de 1984, encontro fichamentos e anotações do curso do Prof. Dieter Heidemann: “Materialismo Histórico na Geografia”.

Fui introduzida em uma Geografia que imaginava existisse somente em minhas necessidades intelectuais, aprisionada no terreno de fragmentos desconexos, como se minhas angústias fossem somente minhas e meu umbigo o limite do mundo. Era muita Geografia!

A dissertação de mestrado de Claudio Egler – Reflexões sobre espaço e periodização – foi meu primeiro fichamento. A ele seguiram Bertha Becker (O uso político do território); Harvey (Justiça social e a cidade); Moraes (Pequena História crítica). Este, em suas andanças na divulgação do livro, brindou-nos, a convite do Prof. Dieter, com uma exposição inesquecível sobre história do pensamento geográfico. Foi inesquecível não apenas pelo conteúdo, mas também pelos detalhes de seu autógrafo e do tamanco branco holandês que usava combinando com uma batinha indiana! Comprei dois exemplares e presenteei Lucilene, minha colega geógrafa de ADEMA², formada na USP, de forma a ampliar nossos diálogos no ambiente de trabalho: inspiração!

Muitos outros autores vieram, entrecortados com as explicações e distinções, por exemplo, com a profundidade implícita de que: “totalidade na ontologia marxista é diferente da totalidade atomista que se difere da totalidade emergente”! Roberto Lobato Correa, Carlos Walter Porto Gonçalves, Ruy Moreira, Armando Silva, José W. Vesentini e Milton Santos foram descortinados nos dias de sábado e domingo quando Ferrari “sumia” com nossas filhas pelas praias. Com eles, leituras de fundo chegaram exigindo maior compreensão da Geografia crítica: Castells, Marx, Hengel, Agnes Heller...

O trabalho final eu não o tenho. Perdeu-se. Recordo apenas pelos rabiscos e esqueletos de ideias encontrados, que a centralidade do texto era sobre crise e crítica: da Geografia, do conhecimento científico, do capitalismo ... da mundialização ou da globalização?! Afinal eu não conseguia distinguir se a Geografia se punha renovada ou em crise. Assim anotei: “o problema de Milton Santos é descobrir o raciocínio que ele coloca em cada artigo que leio, tamanha a

² Administração Estadual do Meio Ambiente, onde trabalhei, como geógrafa, de 1980 a 1990.

diversidade de pensamento (*sic!*) e a gente alcançar até onde ele chega ou onde ele propõe chegar e, com quais instrumentos”. Mais à frente, como um licor que se saboreia em pequenos goles, outra anotação: “a totalidade é a própria sociedade em movimento, no movimento da história da sociedade” (e viva papai Milton!).

Agosto de 1984 foi um mês pesado e de difícil compatibilização com o trabalho. A primeira parte do curso e Cartografia foi concomitante com a disciplina “Luar do Sertão”, assim nomeada pelo Prof. Dieter para tratarmos das relações campo-cidade. Eu corri muito neste e nos próximos meses com três disciplinas, o trabalho, filhas pequenas (Bárbara e Diana), com horário de escola, “pouso” obrigatório em casa no horário do almoço; às vezes com aulas pela manhã e tarde. Esse movimento pendular era feito com um Bugre barulhento que mais descansava no estacionamento da UFS do que em minha garagem.

Retomando, em Luar do Sertão, lemos Paul Singer, Jean Paul Gaudemar, Francisco de Oliveira, Marcel Bursztyrn, a dissertação de Maria do Carmo Ferraz (A estrutura de classe numa comunidade sertaneja), Manoel Seabra, o próprio Dieter Heidemann (A expansão do modo de produção capitalista nas atividades rurais do Nordeste brasileiro) e, muitos outros. O início e o término dos seminários eram determinados por minha sineta olfativa com o cheiro doce do fumo que exalava das cachimbadas de Dieter: hora de começar, ele chega deixando o cachimbo apagar; hora de terminar, ascende o cachimbo para contar um caso, fazer um comentário, já se “despedindo” do conteúdo tratado. Até janeiro de 1985, ainda discutíamos que a cidade cá e o campo lá, abordados por muitos autores com foco na ocupação do espaço, impedia e ofuscava a leitura, o “elo” proporcionado pela leitura da produção do espaço.

O início de setembro de 1984 marca o mergulho na Geografia da Agricultura com a proposta do Prof. Alexandre (claro!), de percorrermos a evolução do pensamento da Comissão de Agricultura da UGI. Com olhos arregalados tentando disfarçar o espanto, em menos de 10 minutos, as partes do curso foram definidas: uma dedicada às Técnicas e a outra, aos Modelos da UGI. Ainda nesse tempo, reforço em 10 minutos, foram estabelecidos os condutores dos seminários, os textos de cada um e a ordem de apresentação. Assim nos alternamos: Edvalci, Katia, Vera, Carlos, Guta na primeira parte e, na segunda, Katia, Vera, Edvalci, Carlos e Guta. Sem delongas, para a próxima aula, fazia-se imperativa a leitura de parte de seu livro Geografia da Agricultura. Vimosos elementos internos, sociais, o sistema econômico e social abordado pela UGI; a exploração e utilização da terra; a agricultura capitalista e a agricultura socialista; tipologias, parâmetros, variáveis...

A impostação da voz de Alexandre nas demonstrações e análises me mantinha atenta, sobretudo nos momentos em que abria os braços, arregalava os olhos e elevava a voz. Edvalci, geralmente, se assustava pulando na carteira! E, como os “caminhos” da UGI nortearam o curso, o nome dos autores eram motivo de exclamação e piadas até adentrarmos nos textos, em inglês, e sofreremos muito para apreender a evolução da UGI: Tyszkiewisz, Szczesny! Stola, Bonnamour e Diniz!

O volume de informações agrárias, agrícolas e rurais foi tamanho que num dado momento senti que a Geografia da Agricultura comandava a Geografia. Afinal o curso era de “Organização do espaço rural no mundo subdesenvolvido”! A Profa. Sonia Leão “entra” complementando o percurso da UGI com um seminário de 19 a 23 de novembro de 1984, sobre Regionalização Agrícola. Discutimos a “região; revisamos a “região”; visitamos a “região” como processo, como programa, aquela Lablacheana; a regionalização como instrumento de ação, como classificação; os problemas da regionalização e os métodos de regionalização agrícola. Anoto ao término do primeiro seminário: “só existe região onde existe capitalismo mercantilista, competitivo e autoritário”. E, ainda titubeando com relação ao método, completo: “Quais enfoques trazem a região de fato? (reproduzo o grifo). Quem diria que anos mais tarde eu acolheria a região na construção de meu doutorado! A Profa. Sonia solicitou-nos um trabalho que apresentasse objetivos, metodologia empregada, resultados e discussão. Achei um esboço do que elaborei com o seguinte título: Análise da aplicação de duas técnicas quantitativas – quociente de localização e método de Weaver – nas microrregiões Sertão do São Francisco e Nossa Senhora das Dores – Sergipe – 1980. Vera! Me socorra! O que vem a ser isso? Você se lembra? (não me decepcione, sorria e diga que sim!)

Com carga horária pequena, mas com presença obrigatória, cumprimos créditos de Seminários de Temas Brasileiros – STB, que o sistema acadêmico nos impunha. Embora os palestrantes tenham sido escolhidos “a dedo”, o ranço ideológico da ditadura militar ainda me faz referir à disciplina mais por sua obrigatoriedade do que pelas ótimas tardes que desfrutamos temas interessantes, sobretudo da realidade sergipana. Lembro-me bem do seminário da Profa. ThetisNunes sobre Educação no Brasil, marcando as nuances do Estado e da Igreja portuguesas na composição dos conteúdos dos cursos.

O fato é que o ano de 1985 é anunciado como o do coroamento da Especialização. Terminaríamos o curso juntamente com a criação do Mestrado!. Ainda tínhamos que completar HPG, faríamos Metodologia da Pesquisa, Laboratório de Ensino e Divisão Internacional do Trabalho – Divintra, assistiríamos mais 10 seminários, sendo 4 de STB. Isso foi definido logo

após a reunião da Comissão de Pós-Graduação que viria a ser, anos depois CPG (Coordenação de Pós-Graduação), na qual eu representava os alunos. Esta reunião ocorreu em 1.11.1984. Nela foi lido o comunicado da Capes informando que os cursos de Especialização em Geografia, Fisiologia e Educação seriam visitados em breve, por terem aberto vagas para Mestrado.

A primeira reunião do Núcleo Qualificado de Geografia, todavia, somente ocorre no dia 2.10.1985 às vésperas do início das atividades da primeira turma com ingresso para o Mestrado, posto que o curso já havia sido reconhecido pela Capes. A reunião finda com a sugestão de nomes a serem convidados para ministrar seminários (dentre eles Bertha Becker, Silvio Bray, Manoel Seabra) e, com a “organização” dos trabalhos a serem apresentados no Encontro de Agraria que ocorreria em Garanhuns, de 9 a 14 de dezembro. Dos nomes sugeridos, lembro-me de Silvio Bray, Manoel Seabra, Paul Claval, cuja palestra ocorreu na Biblioteca Epifânio Dórea, além dos bons seminários de Carlos Minc (Renda da Terra) e Tania Bacelar (Planejamento do Desenvolvimento). Dos vários colegas de convivência nestes dois anos, seguiram para o Mestrado, eu Lilliam e Vera, constituindo assim as primeiras Mestras formadas pela UFS.

O cotidiano de aulas e seminários manteve-se durante todo o ano. Em 11.03.1985, logo após o término de Fenomenologia, começamos a Divintra. O primeiro seminário seria em 1º de abril com texto de Rosa Luxemburgo apresentado por Gilnete e Rosane, os demais, até o dia 10 de junho, por Chico, Sinval, Roberto, Adélia e Vera, Edvalci e Lillian, Ana Virginia e Guta. O Prof. Dieter apresenta os recortes delineadores do curso: *i)* a partir de quando a divintra passa a ser preocupação e fazer parte, integrar os estudos da Geografia; *ii)* discutir sobre “o que se esconde” atrás da vocação agrícola do Brasil; *iii)* discutir o intervencionismo do Estado e, *iv)* que ele compartilharia essa disciplina com os Profs. Josué Modesto e Ibarê Dantas.

As discussões foram acontecendo de forma cada vez menos participativa por parte dos alunos na medida em que os diálogos entre Dieter, Josué e Ibarê foram elevando o nível epistemológico para, pelo menos para mim, a um patamar inalcançável! Da aliança do Estado com a classe dominante à disposição imperialista em disponibilizar riqueza e subjugar a soberania dos Estados, desvelamos Held Muchen, Hugo Portelli, Slater, Lenin, Rosa Luxemburgo, Poulantzas, Fernando Novaes, Dobb, Jean Marie Vincent, Jean Pierre Deliez, Santogg e Valencillos, Ana Cecília Castro, João Manuel de Mello....

Confesso que o entrelaçamento dos conteúdos tratados foi apreendido após a disciplina quando do seminário de Manoel Seabra: janelas foram abertas! Hoje, relendo os fichamentos, sorrio de minhas angústias sobre o quanto me desdobrava para compreender monopólio, deflação,

inflação, crise de legitimação, desvalorização do capital social, forma indireta de salário, consumo coletivo, exportação das relações de produção...

Com tamanha carga de informação, a primeira turma do curso de Especialização ingressa na complementariedade de créditos para o Mestrado com a disciplina Laboratório de Ensino, ministrada pelos Profs. Maria Helena Fávero e Miguel Berger. Com certeza fizemos em carga horária muito mais que o 28 créditos estipulados para o Mestrado.

Os trabalhos de campo nos Campi Avançados de Neópolis e Crasto foram longos, com discussões e apresentação de relatórios. Eu não pude compartilhar do “campo” de Neópolis, mas as várias investidas no Crasto ainda chegam coloridas. Elaborei textos de agrária, fiz croquis e me delicieei com uma das visitas, quando fizemos um “passeio” no barco da UFS: O Pirilampo! Crasto, Terra Caída e Mangue Seco abordados pelas águas do complexo estuarino Piauí-Real-Fundo. Vento, sol e boa companhia. Alexandre se desdobrava em sua Geografia à altura da História da Profa. Glorinha, então Pró-Reitora; eu e Vera sorriamos e cantávamos (mantemos esse habito em todos os encontros de trabalho), Dieter cachimbava com o olhar “intenso” voltado para o infinito das águas. Boa comida, bom acarajé, boas lembranças.

Em paralelo e pela UFS/NPGEO, as lembranças com os movimentos de renovação da AGB-Sergipe; com a chegada de Maria Geralda para reforçar a “pluralidade” da Geografia de Sergipe. Assim dizia-nos Alexandre: “Quanto mais abordagens melhor! Quem apenas fala com seus pares teóricos, conversa consigo e não avança!”.

4 O GESTO – IMAGEM DE LIGAÇÃO

Augusta, aquele ali é o Prof. alemão/pernambucano que lhe falei sobre sua orientação. Assim fui motivada por Alexandre a me aproximar daquele ser provocador e calmo; de sorriso contido, mas extremamente alegre com a vida.

Dieter estava sentado no banco entre os prédios da Geografia e do CECH, organizando uns livros em sua pasta hippie de couro. Explico: era uma pasta de alças longas, bem distinta das pastas tipo maleta austera de todos os outros professores da UFS. Era uma pasta única! Era único aquele que me orientou com tamanha paciência.



Em todos os momentos de angústia, respondia: “ótimo, você está crescendo, descobrindo mais e mais... As leituras sugeridas foram muitas. Delas ainda guardo um caderno de fichamento. De forma disciplinada, em muitos, reproduzo o texto indicando a página e traço comentários. Dentre eles, destaco vários textos de Milton Santos, Bertha Becker, Manoel Seabra, Manoel Correia, Ignacy Sachs, Alain Lipietz, Lojkine e Yves Lacoste.

Socorria em minhas dúvidas e me instigava no desenvolvimento do raciocínio e, apenas uma vez, disse-me que não leria os capítulos, tampouco partes de minha dissertação; aguardaria o todo. Auxiliou facilitando o fichamento em pastas distintas de conteúdos-chave, o que realmente facilitou sobremaneira no momento da escrita e, sugeriu como forma de iniciar o texto, a construção de um “sumário” com os conteúdos intencionados. Hoje, apreendo essa “técnica” como o destaque para o “substantivo” que rege a ideia a ser desenvolvida (a categoria-chave, por exemplo), sequenciada de seus “adjetivos constitutivos”.

Assim construí os capítulos de minha dissertação “A natureza sertaneja da política de desenvolvimento: sertão sergipano do São Francisco” que, para minha surpresa, foi lida em voz alta para ele, palavra por palavra. Durante alguns dias, pacientemente sentado ao meu lado, corrigiu com caneta verde as inconsistências e até mesmo a concordância. O vermelho deprecia, subalterna, não ensina, respondeu doce quando pontuei a estranheza da cor verde.

5 O ENRAIZAMENTO

A memória se enraíza no concreto desfecho de minha formação. Ainda Mestre iniciei, em 1991, as atividades de docência no NPGEIO com Agricultura e Ecologia e, pasmem, Cartografia Geográfica, até quando a Capes permitiu Mestres como professore. O distanciamento da sala de aula coincidiu com minha saída para o doutorado entre o segundo semestre de 1997 ao término de 1998. Desde então, permaneço lecionando, orientando e desenvolvendo pesquisas o que ocupa meu tempo, meu pensar, meu querer.

A memória se enraíza no gesto explícito de tantos olhares, abraços, empréstimos de livros, viagens... e, nos muitos arroubos pretenciosos dos que acompanhei e acompanho com a expectativa de mudar o mundo com suas dissertações e teses: memória que se nutre pelas lembranças, como

removendo a terra, de forma particular ou simbólica, sensível a cada mexida, sensível à toda transferência. Eu me projetando, me removendo no exercício de aprender ensinando.

A memória se enraíza na imagem insegura e crítica de minha postura na defesa da dissertação. O Prof. Dieter Heidemann compõe a mesa com as Profas. Maria Geralda de Almeida e Beatriz Pontes e cede a presidência para o então Reitor Eduardo Garcia. Muita pompa e circunstância, afinal o NPGEO formava suas primeiras Mestras. A crítica permanece flutuante entre tons quentes e opacos e a insegurança, acomodei nos detalhes da memória, de forma a tê-la em companhia, lembrando-me permanentemente de que não há verdade. São as abordagens “sinceras” e coerentes que aconchegam o viver com inseguranças e incertezas.

A memória é um absoluto, a história não conhece mais do que o relativo.

À Dieter e Alexandre.

Aracaju, 27 de julho de 2013